



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11880 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

A (re)invenção do pensamento de Paulo Freire a partir da Educação Popular em África: reflexões iniciais

Florentino Maria Lourenço - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: Pro/Afri, CAPES

A (re)invenção do pensamento de Paulo Freire a partir da Educação Popular em África: reflexões iniciais

O presente trabalho é derivado de uma pesquisa mais ampla no âmbito do doutorado em Educação, realizada no bojo de um convênio institucional Brasil/África, objetiva problematizar o currículo de formação de professores primários em Moçambique, principalmente o seu caráter monocultural como resquício da presença da colonialidade na educação moçambicana. Focalizamos o período da (pós)pandemia da COVID-19, seus impactos sanitários e epistemológicos em Moçambique, buscando contributos do pensamento freiriano no cenário político e educacional, sobretudo na questão da formação docente em contexto de múltiplas diversidades culturais.

Inúmeras são as reflexões epidemiológicas e epistemológicas sobre os tempos (pós)pandêmicos nos quais estamos mergulhados em face a crise sanitária em escala mundial, causada pela COVID-19. O fato é que dessa crise, entre tantas questões, veio afirmar que existem outros saberes que precisam ser convocados para o diálogo no campo da ciência moderna (SANTOS, 2005). Torna-se necessário alargar o debate sobre a valorização, integração dos saberes considerados populares em Moçambique, pois defendemos que os mesmos reconfiguram os espaços dos processos formativos na escola formal e na produção de novos saberes.

O período pós-pandemia requer uma reflexão profunda sobre a (re)construção dos Estados Africanos, sobretudo do tecido social, por ser o mais atingido e vulnerabilizado. Este

exercício desafia as ciências, as que se constituem sobre a episteme social do nosso século a (re)avaliar as condições materiais objetivas e intersubjetivas que definem as relações humanas e políticas que atuam no cotidiano. Este debate é conjugado com outro iniciado nos finais do século XX que introduz a cultura ou culturas no campo intelectual e das políticas públicas educacionais.

Em grande parte dos países africanos e, em particular Moçambique, observamos uma tendência académica que busca dar maior centralidade aos conhecimentos populares na construção de um saber científico. Compreende-se que os processos educativos não são apenas um campo político, técnico-pedagógico, mas que envolve a dimensão cultural caracterizada pelas práticas populares que questionam e disputam o espaço da escola.

Diante do exposto, consideramos fundamental retomar a memória das experiências, (re)examinar e (re)valorizar o diálogo com Freire e pensadores nacionalistas marxistas africanos, procurando evidenciar sua contribuição nos programas de educação popular desenvolvidos em parte do continente africano após suas revoluções anticolonialistas. Assim, organizamos a nossa reflexão a partir de um material bibliográfico, que nos possibilita compreender que a educação popular e a valorização das realidades histórico-sociais concretas são elementos centrais nas relações das práticas pedagógicas e, que as manifestações culturais os marxistas africanos que Freire teve contato em suas experiências educativas influenciaram sobremaneira o seu pensamento sobre a relação educação e sociedade, em especial, a tríade dialética educação, cultura e liberdade.

Paulo Freire tem entrada em África a partir do convite formulado pelo presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, onde manteve contatos com liderança do Party of the Revolution, movimento libertador da Tanzânia. Nesse país realiza encontros com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em uma paragem na Zâmbia, visita o Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA), profundamente conhece o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) de Amílcar Cabral, onde desenvolve o seu maior projeto educativo que se traduziu em cartas à Guiné Bissau (1978). Trata-se de uma educação que através de suas práticas educativas lutava pelo bem-estar social, cultura de superação das diferenças de classe, raça, religião, etnia e ideologia.

Em colaboração com os nacionalistas africanos, Freire e sua equipe, desenvolveram programas de alfabetização que visa(va)m transformar a educação em um sistema que concorresse para o desenvolvimento do homem na esfera social, económico, consciente de si e da sua realidade. Deste trabalho resultou um riquíssimo material didáctico de alfabetização junto aos educadores/as africanos/as, que em nossa análise, pode ainda contribuir para a consolidação dos processos educacionais nos países africanos, tendo como horizonte político uma consciência de educação para autonomia e liberdade.

Freire (1978) partilhava a experiência de libertar, reagrupar e reorganizar as novas nações a partir de perspectivas revolucionárias socialistas, envolvendo a participação das massas

populares, enquanto novo paradigma e ferramenta de consolidação das suas independências. É sobre este pressuposto que, junto às lideranças africanas, busca estratégias que vão aliar o trabalho político e pedagógico da educação dos adultos enquanto dispositivo para a erradicação do analfabetismo. Assim, avançam para a institucionalização dos saberes populares, intencionando a sistematização coletiva de uma educação popular massiva, objetivando a expansão de práticas *lecto-escriturais* (FREIRE, 2011) fundamentadas na formação política e respeito da diversidade cultural.

O pensamento de Freire sobre os saberes populares e de luta pela igualdade dos povos no mundo encontraria em África a sua materialidade. Principalmente nas lutas vinculadas à emancipação, dignidade dos homens e liberdade, no diálogo político, cultural e educativo com os povos africanos. O trabalho educativo, de natureza política e epistemológico desenvolvido em sua Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) iria contribuir à luta anticolonial e a transformação social, tendo como foco a educação dos povos oprimidos, pobres e colonizados.

Para o caso de Moçambique e muitos países africanos foram fortemente influenciados pelas teorias dos partidos da esquerda, cujos pressupostos da economia se baseavam na transformação dos grupos étnicos em trabalhadores-operários, tendo a educação como instrumento de transformação cultural, “a situação objetiva e os desafios das revoluções africanas tornavam o marxismo-leninismo, e o próprio socialismo, atrativos aos grupos que conquistaram o poder. No caso de Angola e de Moçambique, aliás, a orientação marxista servira de base para a estratégia de luta na conquista do poder” (VISENTINI, 2012, pp. 177-178).

Esta aliança era fundamental para consolidar a unidade nacional e acelerar o desenvolvimento económico-social. No campo da educação procurou-se romper com a educação colonial implantando programas de alfabetização populares, laicos com fundamentos nas culturas locais, pois este era o caminho escolhido para a formação da nova sociedade livre, inclusiva e culturalmente consciente de suas diferenças. Estavam conscientes de que os programas de alfabetização deviam ser localmente desenhados e não transplantados ou imitados “o projeto deve ser elaborado ai, por vocês, e a cujo desenho e processo poderemos dar nossa colaboração, na medida de em que começamos a conhecer melhor a realidade do país” (FREIRE, 1978, p. 87).

Neste período tão fundamental de diálogo e aprendizagens interculturais, Freire se sentia contagiado e demonstrava conhecimento profundo de pensadores marxistas africanos, bem como o respeito pelo pensamento dos grupos étnicos populares. Daí entendermos que o legado do educador pernambucano mantém-se vivo em países africanos, principalmente em Moçambique, enquanto ferramenta de resistência que inspira uma *(re)africanização* que possa derrotar os resquícios da colonialidade (NKRUMAH, 2018), buscando dar espaço ao revolucionário trabalhador, bem como a construção de nações e políticas públicas que se fundam na identidade do seu povo.

Palavras-chave: Pensamento freiriano, Educação em África. Marxismo Africano.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. **Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo.** Rio de Janeiro: Paz&Terra, 1978.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

_____ **A Importância do ato de ler : em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez , 2011.

NKRUMAH, Kwame. **Luta de Classes em África.** Edições Nova Cultura, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear Outras Soluções.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VISENTINI, Paulo, Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia.** São Paulo: Edições UNESP, 2012.